

MISTÉRIO EM OURO PRETO

Por

Eduardo P. Moreira

Certificado de Registro EDA/FBN

Número: 405.515

Livro: 756

Folha: 175

Último tratamento em 02 de abril de 2007

ORBE Produções Audiovisuais  
Praça Venâncio Neiva 31 S.1  
Centro, Cabedelo-PB

[www.orbeproducoes.com.br](http://www.orbeproducoes.com.br)  
Tel.: (83)9926-7437

O trem vem chegando à Ouro Preto. As paisagens históricas preenchem as janelas como lindos quadros em movimento. FELIPE, jovem, caucasiano, está neste trem, em sua primeira visita à cidade histórica. Ele vislumbra, sorridente, todo aquele esplendor barroco. Empolgado com tudo aquilo, Felipe puxa conversa com uma SENHORA que viajava próximo a ele.

FELIPE

Puxa vida! Eu sempre soube que esse lugar era lindo, mas ainda assim me surpreendi.

SENHORA

Ha, ha, ha! Esta reação é mais comum do que você possa imaginar.

FELIPE

A senhora mora aqui?

SENHORA

Sim. Há 20 anos. E vejo que é a sua primeira vez por aqui, não?

FELIPE

É sim.

SENHORA

Visitando alguém ou só a turismo mesmo?

FELIPE

Estou visitando um tio meu. Apesar da minha família ter feito parte da história desta cidade, só agora eu pude conhecê-la.

SENHORA

Desculpe-me perguntar. Quem é o seu tio?

FELIPE

É o senhor Bartolomeu. Vim passar uma semana em seu casarão.

A expressão da senhora enrijece e ela fica encarando Felipe como quem foi pega de surpresa. Felipe percebe e estranha aquela reação.

SENHORA

Bartolomeu Fontes?

FELIPE

(Estranhando)

Isso.

(CONTINUA...)

A Senhora se encosta no acento.

FELIPE (...cont.)  
O que houve?

A Senhora leva um tempinho para se recuperar e então ela desconversa.

SENHORA  
Não! Nada! Absolutamente nada.

FELIPE  
Mas...

SENHORA  
(Interrompendo)  
Não é nada, meu rapaz. É que seu tio é um sujeito difícil de se lidar. Do tipo machão, perdoe-me a franqueza.

Felipe sorri, meio sem jeito, mas concorda com ela.

FELIPE  
É. Já haviam me preparado quanto a isso.

Ela sorri de volta, meio forçado.  
A viagem continua pelas lindas paisagens históricas.

2 EXT. ESTAÇÃO DE OURO PRETO - DIA

2

O trem chega à estação. Muitas pessoas aguardam a sua chegada. FELIPE, carregando uma pequena mala e uma mochila, chega na porta e para no degrau. Ele, fechando os olhos, respira fundo e solta o ar com um sorriso no rosto. Ele procura rapidamente e encontra o seu tio BARTOLOMEU, apoiado em seu cajado. Ele possui uma aparência austera. Ao lado de seu tio estava RUBENS, seu criado. Felipe estende a mão para o alto cumprimentando-o. Bartolomeu, com um sorriso discreto, acena com a cabeça em resposta. Felipe salta do trem e vai ao seu encontro. Ele larga a mala e a mochila no chão e, com um largo sorriso, abre os braços buscando um abraço do tio que corresponde, retribuindo-lhe com um forte abraço mas sem largar o cajado.

FELIPE  
Tio Bartolomeu! Quanto tempo! O senhor não tem idéia como estou feliz em estar aqui.

Bartolomeu se desvencilha do abraço, agarrando Felipe pelos ombros e sacudindo-o, já com um sorriso mais largo.

(CONTINUA...)

BARTOLOMEU

Já era hora de você vir conhecer o passado da família Fontes. Sua família! Estou contente que tenha vindo.

Bartolomeu segura Felipe pela cabeça com as duas mãos.

BARTOLOMEU (...cont.)

Olha só pra você! Tão crescido! E seus traços?! Não nega ser da família, feito com a mesma forma.

FELIPE

Isso é um elogio, não é, tio?

Bartolomeu e Felipe sorriem. O tio então se vira com a mão nas costas do sobrinho para apresentar-lhe o criado.

BARTOLOMEU

Felipe, esse aqui é o Rubens. Ele trabalha conosco desde criança e é como se fosse da família.

Felipe cumprimenta Rubens, apertando-lhe a mão.

FELIPE

Prazer, Rubens.

RUBENS

A satisfação é minha, senhor.

BARTOLOMEU

Vamos indo?

FELIPE

Claro!

Rubens pega a mala de Felipe que, por sua vez, pega a mochila e os três caminham até o carro, Bartolomeu e Felipe à frente.

BARTOLOMEU

Você tem muito o que conhecer sobre a nossa história, meu rapaz!

Eles entram no carro e partem.

O carro desliza devagar pelas ruas históricas de Ouro Preto. RUBENS está ao volante, enquanto FELIPE e seu tio BARTOLOMEU vão conversando no banco de trás. Felipe continua admirado, olhando pela janela do carro para os prédios históricos da cidade.

FELIPE

Olha só pra tudo isso! A atmosfera desta cidade é incrível! É como uma viagem no tempo.

BARTOLOMEU

A história da família Fontes está entrelaçada com a história de Ouro Preto. Nós estamos aqui desde o início do povoamento destas terras.

FELIPE

Eu sempre ouvi histórias sobre Ouro Preto e a nossa família, mas nunca me aprofundei.

BARTOLOMEU

Então, é chegado o momento.

Felipe sorri. Rubens, olhando pelo retrovisor, observa Felipe com uma expressão tensa. Felipe percebe o olhar de Rubens e fixa seu olhar no dele. Apesar do estranhamento, Felipe dissimula bem e volta a atenção ao tio.

FELIPE

Pode começar, tio.

O tio, olhando-lhe meio de lado, concorda com um sorriso em meio a um aceno de cabeça.

BARTOLOMEU

Muito bem, então.

Felipe se acomoda melhor no banco do carro.

BARTOLOMEU (...cont.)

Não se sabe ao certo quem encontrou a primeira pepita, mas é fato que no fim do século XVII, após a constatação da existência de ouro na região, isso aqui virou uma loucura, com gente correndo por estas matas feito uns doidos.

Felipe sorri e, de vez em quando, olha para Rubens pelo retrovisor.

BARTOLOMEU (...cont.)

Primeiro fundaram um arraial. Trinta anos depois já haviam mais de 40 mil pessoas vivendo aqui. Era a maior aglomeração da América Latina na época.

(CONTINUA...)

Felipe se mostra surpreso, sacudindo a cabeça afirmativamente.

BARTOLOMEU (...cont.)

Aí, já viu, né?! Gente demais, ouro de menos, começaram os conflitos. Nossa família, que já estava por aqui nesta época, participou diretamente de muitos deles.

Mas, voltando, ainda no início do século XVIII, ocorreu a Guerra dos Emboabas, briga entre paulistas e portugueses. Eles brigavam pelo direito sobre as terras e as minas, isso entre 1707 e 1709.

Felipe continua ouvindo atentamente. Ele olha para fora e observa todos aqueles casarões enquanto ouve a história que acontecera bem ali.

BARTOLOMEU (...cont.)

Ainda em 1709, foi criada a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro. Dois anos depois os núcleos de Ouro Preto, Ouro Podre, Antônio Dias e Padre Faria viraram Vila Rica de Albuquerque. E não parou por aí. A evolução era tanta que em 1720 Minas se tornou uma capitania e Vila Rica passou a ser a capital.

FELIPE

Nossa, tio Bartolomeu! Deve ter sido uma festa e tanto!

BARTOLOMEU

Pode-se dizer que sim, mas essa festa acabou por volta de 1750.

Felipe olha novamente para o retrovisor e encontra o olhar nervoso de Rubens.

FELIPE

Como assim, acabou?

BARTOLOMEU

O ouro! O ouro acabou. Só que a Coroa de Portugal não acreditou muito nisso e começou a, digamos assim, fiscalizar com mais rigor a mineração e continuou a exigir as mesmas cotas dos impostos.

(CONTINUA...)

FELIPE

E aí?!

BARTOLOMEU

E aí que deu no que deu. A Inconfidência Mineira que, como todos sabem, foi violentamente reprimida.

FELIPE

E a nossa família nessa história?

Rubens, aparentemente assustado, dá uma bambeada brusca na direção do automóvel.

BARTOLOMEU

(apreensivo)

Rubens?! O que foi isso?

RUBENS

Nada demais, senhor. Apenas um cão que atravessou na frente do carro.

Felipe olha para trás e não vê cão algum. Então olha uma vez mais para Rubens que aparenta estar se esforçando para permanecer tranqüilo.

BARTOLOMEU

Bem. Para concluir esta longa aula de história, em 1823, Vila Rica virou Cidade Imperial de Ouro Preto e assim foi até 1897, quando foi fundada a cidade de Belo Horizonte.

FELIPE

Realmente incrível.

BARTOLOMEU

Ah! Só para completar, uma curiosidade. O nome Ouro Preto se deu porque as pepitas de ouro encontradas aqui eram cobertas por uma camada fina de óxido de ferro, tornando o ouro escuro.

FELIPE

Que interessante! Eu achava que o nome tinha haver com a mão-de-obra escrava que extraía o ouro.

O tio olha sério para ele, como se aquele assunto fosse desconfortável, mas dissimula em um sorriso. O carro, finalmente, vai chegando ao casarão da família.

4 INT.SALA DO CASARÃO - DIA

4

Bartolomeu entra na frente, seguido de Felipe que vem trazendo sua mochila. O criado vem logo atrás com a pequena mala de Felipe e a repousa próximo aos seus pés, aguardando. Bartolomeu encosta a sua bengala e Felipe fica observando o interior do casarão.

BARTOLOMEU  
(falando alto)  
Cíntia! Chegamos!

Cíntia, a esposa de Bartolomeu, entra na sala enxugando as mãos em um pano de cozinha. Ela o larga sobre a mesa e vai recepcionar Felipe com um abraço.

CÍNTIA  
Minha nossa, como ele cresceu! Dá cá um abraço na tia.

Felipe larga a mochila no chão e retribui o abraço.

FELIPE  
Tudo bom, tia?

Cíntia se afasta um pouco para observá-lo melhor.

CÍNTIA  
Tudo ótimo. Como foi de viagem?

FELIPE  
Foi ótima. Muito tranqüila e muita coisa bonita de se ver.

Bartolomeu interrompe a conversa.

BARTOLOMEU  
Pois é, Felipe. Essa aqui é a casa que abrigou a nossa família nesta cidade desde os tempos de Vila Rica. O que achou?

Felipe volta a dar uma olhada na casa.

FELIPE  
Lindíssima. É como vivenciar a história.

BARTOLOMEU  
Pois é, meu rapaz. E se depender de mim, esta história não morrerá nunca, jamais!

Bartolomeu e Felipe riem.

(CONTINUA...)



CÍNTIA

Felipe, você me dê licença porque tenho que ajudar a terminar o almoço. Você está em casa. Eu nem precisava te dizer isso.

FELIPE

Certo, tia. Obrigado.

Rubens volta a pegar a mala de Felipe e se adianta.

RUBENS

Senhor Felipe. Posso lhe mostrar os seus aposentos?

Antes que Felipe responda, seu tio toma a frente.

BARTOLOMEU

Sim, sim! Faça isso. Vá se assear e retorne para o almoço, pois ele logo será servido. Teremos muito tempo, ainda. Vá meu filho.

Felipe concorda, acenando que sim com a cabeça.

RUBENS

Me siga, por favor.

Rubens sobe as escadas e Felipe, após pegar a sua mochila, o segue. Bartolomeu permanece na sala, observando o sobrinho subir. Ao perdê-lo de vista, Bartolomeu toma uma expressão de preocupação.

5 INT.QUARTO DE HÓSPEDES - DIA

5

Rubens abre a porta e entra, deixando a mala de Felipe encostada na parede próximo à porta. Felipe entra logo atrás carregando a sua mochila. Ele para, admirando o quarto.

RUBENS

Até já, senhor Felipe.

Rubens deixa o quarto.

FELIPE

Até, Rubens. Obrigado.

Felipe deixa a mochila sobre a cama e vai até a janela. Ele fica observando a paisagem por uns instantes. Ele então vê seu tio parado do lado de fora, apoiado em sua bengala. Ele parece preocupado. Rubens chega ao seu encontro e começam a conversar. Não dá pra ouvir nada do que eles falam, mas é possível perceber que Bartolomeu está alterado. Ele gesticula muito e Rubens apenas sacode a cabeça em sinal de positivo e retorna para

(CONTINUA...)

dentro da casa. Bartolomeu fica lá, passando a mão na cabeça e olhando para o tempo. Felipe fica apenas observando a cena, atônito.

6

INT.SALA DE JANTAR - DIA

6

Já de banho tomado e de roupas trocadas, Felipe desce e vai ao encontro de seus parentes na sala de jantar. A mesa já está servida e todos estão à sua espera. Seu tio está sentado à cabeceira da mesa e sua tia na primeira cadeira à direita dele.

FELIPE

Gente! Desculpa pela demora.

Felipe senta-se na primeira cadeira à esquerda de seu tio.

BARTOLOMEU

Agora podemos começar.

Todos começam a se servir.

CÍNTIA

O que você está achando deste começo de passeio, meu querido?

FELIPE

(entusiasmado)

Estou realmente adorando. Nunca pensei que fosse me entusiasmar tanto com história. Acho que é a beleza desta cidade, deste casarão.

Dizendo isso, Felipe volta a olhar à sua volta. Ele acaba se deparando com um quadro dependurado à sua frente. A figura, em trajes de época, se parece muito com ele. Aquilo o deixa curioso. Seu tio percebe e olha de banda para o quadro.

FELIPE (...cont.)

Quem é este na pintura?

Bartolomeu e Cíntia ficam desconcertados e transparecem estarem desconfortáveis com o assunto. Seu tio lhe responde em um tom muito sério.

BARTOLOMEU

É Vicente Fontes, nosso antepassado. Foi o primeiro de nossa família a pisar em Vila Rica e o primeiro dono deste casarão.

(CONTINUA...)

FELIPE

Ele também explorava ouro, tio?

Bartolomeu finge não ter ouvido a pergunta.

BARTOLOMEU

Felipe, eu preciso resolver uns assuntos e não vou poder lhe fazer companhia após o almoço.

Felipe fica meio sem jeito, mas ouve atentamente ao seu tio.

FELIPE

Tudo bem, tio. Teremos tempo.

BARTOLOMEU

Porque não vais dar uma volta pela cidade. Tenho certeza que não te perdes. Você vai gostar muito. Será como uma viagem no passado, como você mesmo disse. Que achas?

FELIPE

Vou fazer isso sim. Pode deixar.

Eles continuam o almoço sem mais conversas.

7

EXT.RUAS DE OURO PRETO - DIA

7

Felipe sai para dar uma volta. Ele anda tranqüilamente pelas ruas de Ouro Preto. Depois de passar por vários casarões lindos, ele chega à praça. Empolgado com tudo aquilo ele senta-se em um banco e, sorrindo, observa tudo à sua volta. Um senhor conhecido por SALVADOR se aproxima, senta-se no banco junto à ele e, sorridente, logo puxa conversa.

SALVADOR

He, he, he! É sempre bom ver gente nova e feliz por aqui, filho.

Felipe se vira rápido e encara o senhor. Ele abre um sorriso.

FELIPE

É difícil não ficar empolgado com tudo isso aqui.

Salvador senta-se ao lado de Felipe e se escora no encosto do banco. Felipe volta a olhar em volta.

(CONTINUA...)

SALVADOR

É verdade. Já fazia tempo que eu não via com estes olhos.

Salvador se vira para Felipe e estica a mão para cumprimentá-lo.

SALVADOR (...cont.)

Me chamo Salvador.

Felipe aperta a mão de Salvador.

FELIPE

Felipe.

Salvador reverencia Felipe suavemente abaixando a cabeça e fechando os olhos em sincronia.

SALVADOR

Quando chegou na cidade?

FELIPE

Hoje pela manhã.

SALVADOR

Ha! Logo vi, pelo seu entusiasmo.

FELIPE

Pois é. Vim passar uns dias com meu tio Bartolomeu para conhecer o casarão dos Fontes.

A expressão do senhor se fecha.

FELIPE

Apesar de todo este tempo, só agora eu vim conhecer a história da minha família.

Felipe olha para Salvador e percebe que ele está desconcertado, estático e boquiaberto olhando para ele.

FELIPE

O que houve?

Salvador sai do transe causado pelo choque.

SALVADOR

Não! Nada! Absolutamente nada.

Felipe começa a se estressar.

FELIPE

Como assim nada?! Você é a segunda pessoa que me responde assim, hoje.

Salvador tenta dissimular.

SALVADOR

Eu me lembrei que não coloquei a comida do meu cão. O pobrezinho deve estar faminto. Tenho que ir.

Salvador tenta sair, mas Felipe o segura pelo braço.

FELIPE

Senhor Salvador! Por favor! O senhor não é a primeira pessoa que reage estranho quando sabe sobre o meu tio. Por favor, me diga o que está havendo.

Salvador respira fundo, balançando a cabeça em negativa.

SALVADOR

Tudo bem, tudo bem! Eu vou te contar. Não deveria, mas...

Felipe está ofegante. Salvador olha meio de lado, mas fixamente para Felipe.

FELIPE

Não precisa temer porque ele é meu tio. Eu sei que ele é uma pessoa difícil. Pode me contar sem medo.

O olhar de Salvador se perde.

SALVADOR

Bartolomeu é um homem difícil, um tanto rude, mas o problema não é o seu tio.

Felipe recua a cabeça, inclinando-a levemente e apertando os olhos em estranhamento. Salvador volta a encará-lo.

SALVADOR (...cont.)

O problema é o casarão dos Fontes.

FELIPE

O casarão?!

Salvador sacode a cabeça verticalmente em afirmativa, pressionando os lábios, um contra o outro.

SALVADOR

Conta a história que o primeiro Fontes a habitar esta terra foi um homem muito bem sucedido. Chegou aqui muito jovem e abonado. Ele tinha os melhores escravos e logo enriqueceu nas minas.

Felipe ouve atentamente, passando a mão sobre a boca, demonstrando seu nervosismo.

SALVADOR (...cont.)

Ele era um homem duro, até desleal. Todos o temiam na região.

FELIPE

Esse que você está falando é o Vicente Fontes.

Salvador concorda com a cabeça.

SALVADOR

Quando o ouro acabou, as coisas começaram a se complicar para ele e seus escravos. Como não havia outra forma de torná-los úteis, começaram a virar prejuízo. Ele então decidiu trancá-los no porão e deixá-los lá, até que morressem.

Felipe olha desconfiado para Salvador.

FELIPE

Onde você quer chegar com isso?

Salvador, já sem paciência, olha para Felipe. Ele se inclina um pouco em sua direção.

SALVADOR

(em tom mais baixo)

Dizem que eles tocaram os seus tambores até o último dia de suas vidas. Só que, mesmo depois que todos estavam mortos, ainda se ouvia seus tambores em noites escuras.

Felipe fica sem jeito, desviando o olhar, sem saber o que dizer.

FELIPE

É! É uma lenda bem assustadora.

SALVADOR

Não é uma lenda.

Felipe volta a olhar assustado para Salvador.

SALVADOR (...cont.)

Os tambores são ouvidos até hoje.

Felipe fica estático mais uma vez, olhando com cara de bobo para Salvador.

FELIPE

Então, o senhor acha que o casarão é mal-assombrado!?

Salvador dá uma boa risada.

SALVADOR

(ênfatizando a palavra "bem")

Não, meu filho. O casarão é bem assombrado.

Felipe dá uma risadinha incrédula e olha à sua volta, sacudindo a cabeça em negativa, tentando dissimular.

O ocaso já se aproxima. Felipe retorna para o casarão.

8

EXT.FRENTE DO CASARÃO - FINAL DE TARDE

8

Felipe se encaminha para a porta da frente do casarão. Quando já está subindo os degraus da entrada, alguém o toca no ombro lhe causando um susto. Ele se vira rapidamente e vê que era apenas Rubens, o criado. Estranhamente, Rubens não parece ter se abalado com o susto que causara.

RUBENS

Senhor Felipe, o patrão deseja lhe falar. Pediu que lhe avisasse assim que chegasse.

FELIPE

(meio ofegante)

Está certo. Obrigado, Rubens.

RUBENS

Por nada, senhor.

Felipe se vira, caminha até a porta e, no meio do caminho, olha para trás para conferir Rubens, parado, lhe observando. Felipe abre a porta e entra.

9

INT.SALA DO CASARÃO - FINAL DE TARDE

9

Felipe entra na sala. As luzes internas já estão acesas. Não demora muito, seu tio vem ao seu encontro.

BARTOLOMEU

Olá, meu querido. É bom ver que não se perdeu. Gostou do passeio?

FELIPE

Foi ótimo, tio.

(CONTINUA...)

BARTOLOMEU

Que bom.  
(pequena pausa)  
Felipe! Tenho planos para amanhã  
de manhã e gostaria muito que  
você fosse se recolher mais cedo  
hoje.

Felipe hesita por um instante. Bartolomeu o encara.

FELIPE

Bom! Por mim, tudo bem.

BARTOLOMEU

Ótimo! Você não vai se  
arrepender. Te levarei em um  
lugar magnífico e que é  
extremamente mais bonito pela  
manhã, bem cedo. Durma bem.

Bartolomeu se vira e sai andando. Felipe hesita mais uma  
vez e responde, quase perdendo o tio de vista.

FELIPE

(Em um tom mais alto)  
O senhor também!

Felipe olha preocupado para a porta que leva para o porão  
do casarão.

10

INT.QUARTO DE HÓSPEDES - NOITE

10

Já na cama, Felipe não consegue dormir e se recorda da  
imagem do quadro e das histórias que ouvira de seu tio e  
do senhor na praça. Aquelas intensas lembranças poluem a  
sua mente lhe trazendo um pouco de insegurança.  
Seus pensamentos são desviados por um barulho de madeira  
se chocando que parecia vir do lado de fora do quarto,  
seguido por um ranger do chão de madeira na cadência de  
passos. Ao erguer-se na cama, ele percebe uma sombra  
passando por baixo da porta do quarto. Mesmo receoso,  
Felipe se levanta com cuidado, abre a porta, coloca meio  
corpo para fora do quarto para investigar, mas não vê  
nada. Ele está tenso e resolve voltar para a cama.  
Novamente deitado, Felipe começa a ouvir sons de tambores,  
bem longe. Ele começa a ficar apavorado e volta a se  
recordar das palavras do senhor sobre os escravos e seus  
tambores.  
O tempo passa e já é tarde da madrugada quando o som dos  
tambores cessam. Com muito esforço, Felipe consegue  
dormir.



11 INT.QUARTO DE HÓSPEDES - DIA 11

Pela manhã bem cedo, alguém bate na porta e Felipe acorda num susto, elevando o tronco e sentando na cama. Ele está acabado, exausto pela péssima noite de sono. Na porta, voltam a bater. É RUBENS.

RUBENS (O.S.)  
 Senhor Felipe!

Felipe recolhe as pernas e se apóia em uma das mãos.

FELIPE  
 (Sonolento)  
 Já acordei, Rubens!

RUBENS (O.S.)  
 O Senhor Bartolomeu solicita a sua presença para o desjejum. Ele o aguarda!

Felipe esfrega a mão na cabeça.

FELIPE  
 Já estou descendo.

Felipe inclina o tronco para frente e põe as mãos sobre o rosto.

12 INT.SALA DE JANTAR - DIA 12

Lá em baixo, Felipe vem ao encontro de seu tio. Bartolomeu já está sentado à mesa, na cabeceira. Felipe senta à esquerda dele.

BARTOLOMEU  
 Bom dia, Felipe.

FELIPE  
 Bom dia, tio.

BARTOLOMEU  
 Desculpe ter que te apressar, mas iremos visitar as minas que fizeram a história de Ouro Preto.

FELIPE  
 É sério?

BARTOLOMEU  
 Claro que sim! Logo pela manhã, o efeito da luz nas minas é fabuloso. Vamos logo com isso.

Felipe se apressa em seu desjejum.

13 EXT.MINAS DE OURO - DIA

13

Felipe e Bartolomeu chegam nas antigas minas de ouro de Ouro Preto. Eles param, lado a lado, e admiram o lugar.

FELIPE  
(Impressionado)  
Nossa!

BARTOLOMEU  
Não te disse que era lindo? Lá dentro é melhor ainda. Vamos indo.

Eles adentram a mina.

14 INT.MINAS DE OURO - DIA

14

Dentro da mina, Felipe olha a sua volta, admirado com o lugar. Bartolomeu mantém um sorriso ralo no rosto.

BARTOLOMEU  
E então? O que está achando?

FELIPE  
Tudo isso é muito incrível.  
Quanta riqueza não foi retirada daqui?!

Bartolomeu, apoiado em sua bengala, olha a sua volta, concordando com a cabeça. Felipe, doido para perguntar sobre os acontecimentos no casarão, olha para o seu tio com uma certa insegurança. Ele toma coragem.

FELIPE (...cont.)  
Também é engraçado pensar que o ouro acabou.

Bartolomeu olha diretamente nos olhos de Felipe.

FELIPE (...cont.)  
Sem ouro, os escravos se tornaram inúteis, já que aqui não dá pra plantar. Devem ter tido um fim horrível, não?

O sorriso de Bartolomeu desaparece. Ele volta a olhar à sua volta, sacudindo a cabeça em afirmativa, disfarçando.

BARTOLOMEU  
É. Devem ter tido sim.

Felipe desanima com a não confissão do tio. Ele resolve ser mais direto.

(CONTINUA...)

FELIPE

Tio. O senhor acredita em  
assombrações?

Bartolomeu volta a encarar Felipe, desta vez com uma  
expressão bem mais séria.

BARTOLOMEU

Qual o porquê desta pergunta?  
Aonde você quer chegar?

Felipe desabafa.

FELIPE

Ontem à noite eu não consegui  
dormir e, já de madrugada, ouvi  
barulhos estranhos e vi um vulto.  
Também ouvi um som que pareciam  
tambores.

Bartolomeu fica transtornado.

BARTOLOMEU

(Nervoso)

Que história é essa menino?!

Felipe não se entrega. Ele respira fundo e toma coragem  
para contar o que sabe.

FELIPE

Tio! Eu ouvi as histórias sobre  
os escravos no porão.

Bartolomeu se torna colérico.

BARTOLOMEU

(Aos gritos)

Escuta aqui, moleque! Tem certos  
assuntos que não deveriam ser  
perturbados. Não toque mais neste  
em especial. E, pro seu bem,  
fique longe do porão do casarão.

Felipe está assustadíssimo.

FELIPE

Desculpa, tio. Eu realmente não  
sabia. Sinto muito. Minha  
ignorância não vai mais te  
aborrecer. Eu prometo.

Dizendo isso, Felipe abaixa a cabeça, olhando para seu  
tio, eventualmente, por baixo das sobancelhas. Bartolomeu  
olha para o lado e bufa algumas vezes. Ele abaixa a  
cabeça, reconsiderando a situação.

Já mais calmo, Bartolomeu se aproxima e afaga Felipe,  
esfregando a mão pela nuca do sobrinho. Felipe levanta a  
cabeça para encarar o seu tio.

(CONTINUA...)

## BARTOLOMEU

Me desculpa também, meu querido.  
É que tem certos assuntos que  
podem denegrir o nome dos Fontes  
e não devem ser remexidos. Eu  
enlouqueço só de pensar nisso.

Felipe, apesar da aparência tristonha, olha para o seu tio e concorda, sacudindo a cabeça em sinal de positivo, forçando um sorriso.

Bartolomeu também sacode a cabeça verticalmente e deixa o local. A atitude de seu tio deixa Felipe mais curioso.

## 15 INT.QUARTO DE HÓSPEDES - NOITE 15

À noite, de volta ao casarão e já em seu aposento, Felipe está se preparando para investigar, caso os vultos e barulhos retornassem.

Repentinamente, os sons de passos do lado de fora da porta invadem o quarto. Felipe escuta e fica em alerta. Ele, rapidamente, olha pelo buraco da fechadura e vê um vulto passar do lado de fora. Ele abre a porta com delicadeza para não ser percebido, mas nada vê, uma vez mais. Ele então sai do quarto na ponta dos pés.

## 16 INT.SALA DO CASARÃO - NOITE 16

Ainda nas escadas, Felipe começa a ouvir os tambores. O barulho parece realmente vir da parte de baixo da casa. Felipe desce cautelosamente. Ele olha em volta para garantir que não há ninguém por ali.

Ele vai, vagarosamente, em direção à porta do porão. O som vai ganhando em volume conforme ele se aproxima. Felipe para em frente a porta, observa por um tempo, titubeia, mas decide seguir em frente. Ele abre a porta do porão vagarosamente e penetra na escuridão.

## 17 INT.PORÃO - NOITE 17

No meio de toda aquela escuridão, Felipe vê uma luz fraca iluminando o pé da escadaria. Ainda se tremendo, ele desce, degrau por degrau, até chegar em uma posição que lhe permitisse ver o que estava acontecendo.

Ao chegar próximo ao pé da escada, Felipe se surpreende.

Ele vê, trabalhando em uma roca antiga, uma mulher trajando roupas de época e um chapéu tipo gorro cobrindo-lhe toda a cabeça. O som daquela engenhoca funcionando parecia a batida de tambores.

Sem dar nem mais um passo sequer, Felipe engole seco e resolve entrar em contato com aquela figura sinistra. Sua voz sai entrecortada.

FELIPE

(Em um tom alto e com medo)  
Quem é você e o que faz aqui?!

A mulher, como que surpreendida, para de fiar. O som da roca, parecida com tambores, vai se calando. Felipe, morto de medo, volta a falar com a figura.

FELIPE (...cont.)

(Em um tom alto e com medo)  
Quem é você e o que faz aqui?!

Depois de um tempo estática, a mulher se levanta e começa a se virar lentamente em sua direção. Ao ver o rosto da figura, Felipe arregala os olhos em terror, sem acreditar no que estava vendo. O rosto que despontava de dentro do chapéu era o de seu tio Bartolomeu. Felipe não parece acreditar.

FELIPE (...cont.)

Tio Bartolomeu?!

Bartolomeu está visivelmente irritado e constrangido. Ele joga os ombros pra baixo e, não vendo outra saída, conta o seu segredo ao sobrinho que ainda está de boca aberta e olhos esbugalhados.

BARTOLOMEU

Eu não consigo evitar, tá bom?! É uma fantasia minha e é mais forte que eu.

Felipe continua embasbacado.

FELIPE

Mas...

Bartolomeu interrompe.

BARTOLOMEU

Mas, mas, mas nada! Não preciso dos seus conselhos nem de nada de você, além da sua descrição. Se isso vai a público, nós seremos chacota. E eu não sou louco. Não vou procurar médico nenhum. Sua tia já me enche demais com essa história.

Felipe percebe a gravidade do fato, mas se esforça para não rir.

FELIPE

Tio, está tudo bem.

BARTOLOMEU

Felipe, só quem sabe disso é a sua tia e Rubens. Por favor, nem teus pais podem saber de uma coisa dessas.

FELIPE

Pode ficar tranqüilo. Eu não vi nada! Pode confiar.

Bartolomeu vem em direção à escada e passa por Felipe olhando-o com indignação. Ele sobe as escadas desconsolado.

Felipe fica no porão, mais um tempo, sorrindo e balançando a cabeça em negativa, sem acreditar.

18

INT.QUARTO DE HÓSPEDES - NOITE

18

De volta ao seu quarto, Felipe fecha a porta e começa a se preparar para dormir. Ele senta na cama com um sorrisinho de alívio no rosto. Logo em seguida ele se deita, se cobre e olha para o abajur que ilumina o ambiente. Esticando um de seus braços ele o apaga.

A escuridão no quarto revela a luz da lua que atravessa a janela e ilumina a cama de Felipe e vários espíritos de negros acorrentados o observando, bem ali ao lado.

.

.

.

F I M